



O SIMBOLISMO NO IMAGINÁRIO DE MELUSINA: DAMA DOS MIL PRODÍGIOS, ANA MARIA MACHADO

Christian Eduardo Campos da Silva
Universidade Estadual da Paraíba- UEPB
potiguara1992@gmail.com

Ms. Rafael Francisco Braz
Universidade Federal da Paraíba – UFPB
rafaelbrazprof@gmail.com

1 INTRODUÇÃO

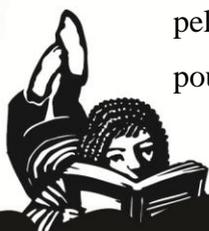
A literatura tem sido uma tentativa de resgatar as raízes humanas, fato que ganha relevância, especialmente, com o surgimento da lenda, dessa forma, várias das experiências humanas trágicas, dolorosas e sofridas já foram transformadas em expressões literárias. O poder das palavras manifesta-se, assim, na literatura, pois a mesma nos ajuda a organizar a nossa subjetividade, embora essa continue sempre indecifrável.

É nessa descoberta do outro, no encontro com personagens ficcionais, que sentem e passam pelos mesmos problemas e conflitos existenciais, os quais o leitor possa estar enfrentando, que o ser humano busca encontrar meios no sentido de os auxiliarem a refletir sobre suas próprias condições existenciais.

Nessa linha de pensamento, desenvolvemos nossa personalidade baseando-nos naquilo que a sociedade nos impõe e nos faz crer que é a forma mais adequada de ser, de agir, e até mesmo de pensar, pois, quando criança, e neste imaginário infantil encontramos um mundo “pronto”, esforçando-se para entendê-lo e nos encaixamo-nos nele, seguindo um padrão de conduta e de concepções sobre o que é certo e/ou errado.

Na tentativa de sermos aceitos por esta sociedade que predomina sobre o indivíduo, muitas vezes acabamos abafando-se dentro de nós, algumas particularidades a nossa personalidade por serem consideradas como sendo negativas, desta maneira, é extraído de nós o direito de caminhar para a autonomia, para a individuação e para o crescimento pessoal, apenas com a finalidade de equilibrarmos nossa personalidade com as imposições sociais.

Embora, existam diversas pessoas, que apesar de estarem insatisfeitas com essa “educação adaptadora”, arriscam-se a segui-las utilizando-se do velho discurso de que a vida é assim mesmo, visto que fugir dos padrões impostos, no entanto, julgados “padrões normais” pela sociedade, quer dizer que além de estarem lutando por uma auto aceitação, coisa que poucos têm coragem de fazer, remete mudar os modos consigo mesmo e para com os outros.





VII ENLIJE

Na busca pela construção de uma identidade própria, abandonando assim dos “padrões básicos” impostos pela sociedade com relação aos papéis que são dados aos homens e as mulheres, com relação ao modo com que cada um deve ser e agir perante a sociedade, vem sendo uma instigante questão do gênero feminino, ao longo dos séculos até a atualidade. Esta busca acabou desencadeando várias fases no processo de evolução e de representação dos papéis por elas desempenhados e adotados ao longo da história.

A arte da literatura tem, além de outras características que lhe são peculiares, o poder de expressar o real por meio do imaginário, criando imagens, sentimentos e sensações que dão às palavras uma força inigualável, capazes de exercer uma função político-social ativa e transformadora em nossa sociedade. Tais aspectos, ao serem abordados em estudos de literatura, estendem o domínio dessa arte a outras, servindo de ponte entre distintas áreas, numa cooperação cujos frutos representam o desejo de uma sociedade mais justa, harmônica e humanizada.

O movimento feminista foi à representação da busca pelos direitos e por uma identidade própria, por parte do gênero feminino. Através do movimento feminista e das reivindicações de igualdade entre homens e mulheres e com suas críticas à sociedade patriarcal burguesa, a mulher foi conseguindo, paulatinamente, realizar grandes mudanças nos padrões de conduta social, adquirindo novo status, o que tornou as diferenças entre os sexos cada vez menos perceptíveis, seja no trabalho, seja na vida cotidiana.

Nessa linha de raciocínio, propomos nesta comunicação temática, interpretar a simbologia presente na obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000), da escritora brasileira Ana Maria Machado, bem como as questões do gênero, a partir de um estudo analítico da referida obra, em torno da personagem feminina Melusina, que é descendente da mais alta linhagem da Escócia, assim, como categoria temática demonstraremos o papel do simbólico no texto objeto desta pesquisa e sua função na narrativa.

Em 2000, é lançada a história da lenda de Melusina: dama dos mil prodígios. Obra que a escritora Ana Maria Machado, reescreveu, recontando a belíssima história de sua doce França, país que a abrigou durante seu período de exílio e que foi o local de nascimento de seu filho Pedro. O foco narrativo da lenda retrata a história de um rei que apaixona-se por uma encantadora e misteriosa mulher, e decide então casar-se com ela. O aspecto mais relevante está representando na saga de Melusina para tornar-se humana.

No decorrer da história nota-se que Melusina luta, incansavelmente, para que ninguém descubra seu grande segredo, consequentemente, possibilitando mudar seu destino. Possibilitando então viver e morrer normalmente como mulher, quebrando a condição que

(83) 3322.3222

www.enlije.com.br





fora lançada por sua mãe como punição após ela juntamente com suas irmãs ter aprisionado o pai numa montanha mágica.

Nesse contexto, é que fomos impulsionados para a realização de um estudo das representações da mulher na literatura da escritora brasileira, Ana Maria Machado, com a finalidade de interpretar o significado e imagens arquetípicas (arquétipos, mito e símbolos) em analogia com a imagem do Feminino em sua obra, juntamente, com a genealogia desta mulher.

Nessa perspectiva, conduzimos a presente pesquisa, buscando inserir nesse contexto de mudanças e com o intuito de promover o despertar do senso crítico, uma análise simbólica a partir da personagem objeto de estudo, surgindo como um impulso de romper com as tradições literárias de vozes masculinas. Sendo está pesquisa de caráter quanti/qualitativa.

Nossa fundamentação passa por uma contextualização da narrativa em seu momento histórico, levando em consideração as teorias sobre o imaginário simbólico François Laplantine e Liana Trindade (1997), Jean Chevalier e Alain Gheerbrant (2009), Jean Eduardo Cirlot (2005), Carl Gustav Jung (2000), Gaston Bachelard (2003).

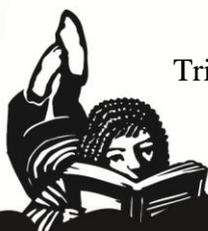
Portanto, os focos das análises recaem na representação dos processos interpretativos da lenda e do símbolo na representação de Melusina. Desta forma, para execução desta pesquisa decidimos dividir nosso trabalho em três partes, assim, descritas:

2 O PAPEL DO SIMBÓLICO NA LITERATURA

De acordo com François Laplantine e Liana Trindade (1997, p. 14): “[...] *O símbolo é um sistema que não substitui qualquer sentido, mas pode efetivamente conter uma pluralidade*”, os autores argumentam que, o símbolo é sempre algo que representa outra coisa. E designa um tipo de signo em que a realidade concreta (significante) representa algo abstrato (nações, religiões, etc.). É um elemento fundamental para o processo de comunicação.

Embora existam símbolos que são reconhecidos mundialmente, outros só são compreendidos dentro de um determinado grupo ou contexto (cultural, religioso, etc.). Intensificando a relação com o transcendente, podendo estar relacionado fisicamente com o objeto ou ideia que representa.

A mente humana é uma grande fábrica de “imagens”, que de acordo com Laplantine e Trindade (1997),





VII ENLIJE

São construções baseadas nas informações obtidas pelas experiências visuais anteriores. Nós produzimos imagens porque as informações envolvidas em nosso pensamento são sempre de natureza perceptiva. Imagens não são coisas concretas, mas são criadas como parte do ato de pensar. Assim a imagem que temos de um objeto não é o próprio objeto, mas uma faceta do que nós sabemos sobre esse objeto externo. (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 10).

A partir de nossas experiências construímos elementos que produzem infinitas imagens, como construção do universo mental, as imagens se transformam e se colocam em constante movimento. Imagens são as representações das ideias, traduzidas em conceitos sobre a coisa exterior dada. Produzimos imagens em virtude da natureza particularmente perceptiva das informações incluídas em nosso processo de pensamento.

Ainda segundo Laplantine e Trindade (1997), existe uma diferença entre o símbolo e a imagem, de modo que:

Tanto a imagem como o símbolo constituem representações. Essas não significam substituições puras dos objetos apresentados na percepção, mas são, antes, rerepresentações, ou seja, a apresentação do objeto percebido de outra forma, atribuindo-lhe significados diferentes, mas sempre limitados pelo próprio objeto que é dado a perceber. É necessário examinar a natureza mesma da relação social na qual a representação, como imagem ou símbolo irá atuar. (LAPLATINE; TRINDADE, 1997, p. 13-14).

Enquanto, o símbolo possui mais de um significado, tendo diversas funções e possibilidade de uso, possibilitando assim mobilizar os comportamentos sociais e repletos de sentidos afetivos. O imaginário é uma herança universal, que faz parte do campo das representações, no entanto, não é uma instância reprodutora ou uma transposição de imagens.

É possível compreender o imaginário como mobilizador e evocador de imagens que fazem utilização do simbólico para existir e expressar-se. O simbólico, por sua vez, dá a entender a capacidade imaginária. Em outras palavras, o imaginário possui a capacidade de revelar uma imagem e/ou uma relação que não são diretamente dadas pela percepção.

Ainda assim, símbolos e imagens possuem conceitos distintos, porém ambos estabelecem concepções que não correspondem à pura substituição do objeto, nem sua reprodução, mas antes sua rerepresentação, ou seja, é a apresentação, de uma nova forma, com relação ao objeto percebido, possibilitando agregar novos significados, de acordo com a relação social aonde atua tal representação.

4.1 O arquétipo da Mulher Dama/Serpente

O termo arquétipo foi utilizado pelo psicólogo Carl Gustav Jung, pela primeira vez em 1919, em Londres no simpósio intitulado *Instinto e Inconsciente*. Antes da utilização da





VII ENLIJE

expressão por Jung, a filosofia já conhecia o arquétipo, suas origens, remontando até Platão¹. A relação histórica com o Platonismo deu origem a um preconceito em relação à concepção arquetípica apresentada por Jung.

Jung (1993), em seu livro *O homem e seus símbolos*, apresenta a seguinte definição de arquétipo:

O arquétipo é uma tendência para formar estas mesmas representações de um motivo — representações que podem ter inúmeras variações de detalhes — sem perder a sua configuração original. Existem, por exemplo, muitas representações do motivo irmãos inimigos, mas o motivo em si conserva-se o mesmo. Meus críticos supuseram, erradamente, que eu desejava referir-me a "representações herdadas" e, em consequência, rejeitaram a ideia do arquétipo como se fosse apenas uma superstição. Não levaram em conta o fato de que se os arquétipos fossem representações originadas em nossa consciência (ou adquiridas por ela) nós certamente os compreenderíamos, em lugar de nos confundirmos e espantarmos quando se apresentam. O arquétipo é, na realidade, uma tendência instintiva, tão marcada como o impulso das aves para fazer seu ninho ou o das formigas para se organizarem em colônias. (JUNG, 1993, p. 67, 69).

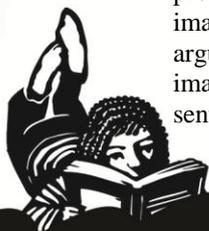
Jung descreve o arquétipo bem como um agrupamento de figuras psíquicas existentes no inconsciente coletivo, o que equivale ao fragmento mais profundo do inconsciente humano. Os arquétipos são passados de acordo com a genética dos ancestrais de um grupo de civilização, etnia ou povo.

4.2 A simbologia de Melusina

A narrativa de Ana Maria Machado, intitulada de *Melusina: dama dos mil prodígios*, trata de um rei que se apaixona por uma encantadora mulher e então decide se casar com ela. Os dois têm três filhas e uma delas é Melusina. Quando as meninas crescem são mandadas para reinos distantes e cada uma vai viver a sua vida. Com o passar do tempo, Melusina já está prestes a casar, mas só o faz se o seu pretendente cumprir a promessa de nunca vê-la aos sábados.

A promessa é cumprida durante muitos anos, até que um dia as intrigas de determinado parente leva o esposo à desconfiança. Melusina então descobre que foi traída e

¹ Embora já não seja tão necessária atualmente uma discussão ampla sobre o conceito de arquétipo, não me parece, porém dispensável fazer algumas observações preliminares a respeito do mesmo. Em épocas passadas apesar de existirem opiniões discordantes e tendências de pensamento aristotélicas-não se achava demasiado difícil compreender o pensamento de Platão, de que a ideia é preexistente e supra ordenada aos fenômenos em geral. "Arquétipo" nada mais é do que uma expressão já existente na Antiguidade, sinônimo de "ideia" no sentido platônico. Por exemplo, quando Deus é designado por το αρχετυπον φως ' no Corpus Hermeticum, provavelmente datado do século II, expressa-se com isso a ideia de que ele é preexistente ao fenômeno "luz" e imagem primordial supra ordenada a toda espécie de luz. Se eu fosse um filósofo daria prosseguimento ao argumento platônico segundo minha hipótese, dizendo: em algum lugar, "em um lugar ceJeste" existe uma imagem primordial da mãe, preexistente e supra ordenada a lodo fenômeno do "maternal" (no mais amplo sentido desta palavra) (JUNG, 2000, p. 87).





VII ENLIJE

que o seu segredo de se transformar em serpente todos os sábados fora violado, mesmo assim, pelo amor que dedica ao marino, resolve permanecer no castelo. Porém, tempos depois, frente a uma grande discussão, seu esposo levanta calúnias terríveis contra ela, fazendo-a esmorecer. Desde esse dia, Melusina não permaneceu mais nas terras que tanto gerou fartura, prodígios e maravilhas.

Os símbolos que aparecem ao longo da narrativa confirmam uma significação singular referente ao feminino. Apresentaremos alguns desses símbolos:

Um dia, quando caçava por uma floresta linda e densa na beira do mar, começou a sentir muita sede. Lembrou que havia uma fonte ali por perto e foi em busca de água. Ao se aproximar, ouviu uma voz melodiosa, cantando uma canção comoventemente. Achou que só podia ser um anjo. Mas era tão doce, que ele percebeu que devia ser uma mulher. Saltou do cavalo e, pé ante pé, para não assustar a dona da voz, foi chegando devagarzinho perto da fonte. Era a mais bela dama que seus olhos já tinham visto. Ele ficou deslumbrado com tanta beleza e hipnotizado por aquele canto tão doce e melodioso que jamais uma sereia, fada ou ninfa poderia ter cantado assim. (MACHADO, 2000, s/p).

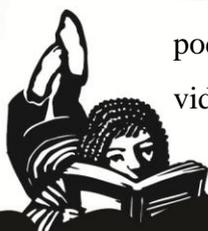
O símbolo da floresta, de acordo com Cirlot (2005),

Dentro do simbolismo geral da paisagem, a floresta ocupa um lugar muito característico, aparecendo com grande frequência em mitos, lendas e contos folclóricos. Sua complexidade, como a de outros símbolos, redundando nos diversos planos de significado, que parecem todos corresponder ao princípio materno e feminino. Como lugar onde floresce abundante a vida vegetal, não dominada nem cultivada, e que oculta a luz do sol, torna-se potência contraposta a este e símbolo da terra. [...] Dada a assimilação do princípio feminino e o inconsciente, é obvio que a floresta tem um sentido correlato. Por isto, Jung pode afirmar que os terrores da floresta, tão frequentes nos contos infantis, simbolizam o aspecto perigoso do inconsciente, quer dizer, sua natureza devoradora e ocultante (da razão). (CIRLOT, 2005, p. 257).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), a floresta é,

Em diversas regiões, e principalmente entre os celtas, a floresta constituía um verdadeiro **santuário** em estado natural: exemplos disso eram as florestas de Brocéliande (na Bretanha; hoje chamada *Floresta de Paimpoint*) e a de Dodona, entre os gregos. Na Índia, os **sannyasa** fazem seus retiros nas florestas, tal como os ascetas búdicos: *As florestas são tranquilas, lê-se no Dham-mapada, desde que o mundo se mantenha longe delas; nas florestas, o santo encontra seu repouso**. [...] A floresta, que constitui verdadeiramente a *cabeleira* da montanha, proporciona-lhe também o poder, pois permite-lhe provocar a chuva, ou seja, os benefícios do Céu – em todos os sentidos do termo. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 439).

A simbologia da floresta, para Cirlot (2005, p. 257), a complexidade existente na floresta representa o princípio materno e feminino. É o local no qual a vida vegetal se desenvolve em abundância. E para Chevalier e Gheerbrant (2009 p. 257), a floresta representa um verdadeiro templo em estado natural, corresponde ao símbolo de vida, possibilitando poder, e os benefícios Celestes. Para ambos os autores, a floresta, corresponde ao símbolo da vida e representação do feminino.





VII ENLIJE

O símbolo do mar, conforme apresentado por Cirlot (2005),

Seu sentido simbólico corresponde ao do “oceano inferior”, ao das águas em movimento, agente transitivo e mediador entre o informal (ar, gases) e o formal (terra, sólido) e, analogicamente entre a vida e a morte. O mar, os oceanos, são considerados assim como a fonte da vida e o final da mesma. “Voltar ao mar” é como “retornar à mãe”, morrer. (CIRLOT, 2005, p. 372).

Conforme apresentado por Cirlot (2005, p. 372), o sentido simbólico do mar assemelha-se ao do “oceano inferior”. Desta maneira, o mar e os oceanos são classificados deste modo como a fonte da vida e ao mesmo tempo o final da vida. “Voltar ao mar” é como “retornar a mãe”, morrer.

O símbolo da fonte, segundo Cirlot (2005),

Na imagem do paraíso terreno, quatro rios partem do centro, quer dizer, do mesmo pé da Árvore da Vida, e se separam de acordo com as quatro direções marcadas pelos pontos cardeais. Em consequência, surgem de uma mesma fonte, que se torna simbólica do “centro” e da origem em atividade. Segundo a tradição, esta fonte é a *fons juventutis*, cujas águas podem assimilar-se à “bebida da imortalidade” (*amrita* dos hindus). Por isto considera-se que sua significação (água em surgimento) simboliza a força vital do homem e de todas as substâncias. (CIRLOT, 2005, p. 261).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), a fonte é,

O simbolismo da fonte de *água pura* é expresso principalmente pelo manancial que brota no meio de um jardim*, ao pé da Árvore da Vida, no centro do Paraíso* terrestre, e que, depois, se divide em quatro rios, cujas águas correm para as quatro direções do espaço. Essa é, conforme as terminologias, *a fonte da vida*, ou ainda da *imortalidade*, ou da *juventude*, ou ainda, a *fonte do ensinamento*. No constante dizer da tradição, a *fonte da juventude* nasce ao pé de uma árvore. Em virtude de suas águas sempre cambiantes, a fonte simboliza, não a imortalidade, mas sim um perpétuo rejuvenescimento. As bebidas divinas ou sacrificais – ambrosia, soma, hidromel – são todas elas, *fontes de juventude*. Quem beber de sua água, ultrapassa os limites da condição temporal e obtém, portanto, graças a uma juventude sempre renovada, a longevidade; esta, por sua vez, é produzida também pelo *elixir de vida* dos alquimistas. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 444).

A simbologia da fonte, segundo Cirlot (2005, p. 261) simboliza a “bebida da imortalidade”, que corresponde à força vital do homem e de todas as substâncias. É o princípio da vida interior e da energia espiritual. E para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 444-446), a fonte, constitui a boca da água viva ou da água virgem. A água viva que dela corre é como chuva, o sangue divino, o sêmen do céu.

Tanto para Cirlot (2005) quanto para Chevalier e Gheerbrant (2009), a fonte é um símbolo da maternidade, que representa a origem da vida, da força, da graça, e de toda a felicidade. Desta forma, a simbologia da floresta, do mar e da fonte são elementos simbólicos de representação do feminino.

Na obra em análise, encontramos ainda a simbologia do castelo:

(83) 3322.3222
contato@enlije.com.br
www.enlije.com.br





[...] Conforme as instruções da dama da fonte, Raimundim voltou à Fontana da Sede para encontrá-la, ainda infeliz e sortudo. Ao se aproximar, ficou surpreso. Havia lá uma capela de pedra, construção que ele nunca tinha visto, embora já tivesse passando muitas vezes pelo local. Um numeroso séquito de cavaleiros, donzelas, damas e escudeiros o acolheu com respeito, levando-o até a dama, que o esperava numa rica tenda – onde os dois ficaram sozinhos, conversando de mãos dadas. [...] O casal era muito feliz. Logo, tiveram um filho. [...] Melusina, novamente grávida, mandou construir junto à fortaleza a cidade de Lusignan, sólida e muito bem protegida. Depois que o segundo filho nasceu [...] – ela mandou construir um castelo, duas cidades menores e uma abadia. (MACHADO, 2000, s/p).

O símbolo do castelo, para Cirlot (2005),

Trata-se de um símbolo complexo, derivado ao mesmo tempo da casa e do recinto ou cidade murada. Neste último aspecto, cidades amuralhadas aparecem na arte medieval, como símbolo da alma em sua transcendência e da Jerusalém celeste. De modo geral, o castelo acha-se localizado no alto de um monte ou colina, o que acrescenta um importante componente relativo ao simbolismo do nível. Sua forma, aspecto e cor, seu sentido sombrio e luminoso tem grande valor para definir a expressão simbólica que adquire, pois o castelo, em sentido mais geral, é uma força espiritual armada e erigida em vigilância. (CIRLOT, 2005, p. 142).

Para Chevalier e Gheerbrant (2009), o castelo é,

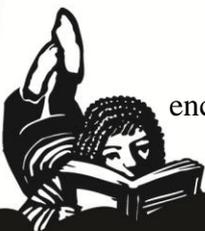
Na vida real, assim como nos contos e nos sonhos, em geral o castelo está situado em lugares altos ou na clareira de uma floresta: é uma construção sólida e de difícil acesso. Dá impressão de segurança (como a casa, geralmente), mas de uma segurança no mais alto grau. É um símbolo de proteção. [...] O que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Julga-se que ele resguarde o poder misterioso e inatingível. Os castelos surgem nas florestas e nas montanhas mágicas (que por si sós já têm o peso de uma força sagrada) e desaparecem como por encanto, quando deles se aproximam os cavaleiros e a miragem se esvai. (CHEVALIER; GHEERBRANT, 2009, p. 199).

A simbologia do castelo, segundo Cirlot (2005, p. 142) é um símbolo complexo por suas derivações, é um símbolo da alma em sua transcendência e da Jerusalém celeste. De modo geral, é uma força espiritual armada e erigida em vigilância. E para Chevalier e Gheerbrant (2009, p. 199), o castelo é um símbolo de proteção, pois o que é protegido pelo castelo é a transcendência do espiritual. Para os autores, o castelo representa proteção, força sagrada, força espiritual armada e erguida em vigilância.

No momento em que o rei sair à procura de água para beber, depara-se com uma mulher com uma beleza que nunca fora vista antes:

Ao se aproximar, ouviu uma voz melodiosa, cantando uma canção comovente. Achou que só podia ser um anjo. Mas, era tão doce, que ele percebeu que deveria ser uma mulher [...] Era a mais bela dama que seus olhos já tinham visto. Ele ficou deslumbrado com tanta beleza e hipnotizado por aquele canto tão doce e melodioso que jamais uma sereia, fada ou ninfa poderia ter cantado assim. (MACHADO, 2000, s/p).

Voz melodiosa e fonte de águas possuem total ligação uma com a outra, quando as encontramos inseridas em um contexto de seres encantados. Entretanto, não é por acaso que





mulheres que possuem a natureza iguais as de Melusina, sua mãe e irmãs, ninfas mágicas e misteriosas, utilizam a voz, de maneira especial e cantada, como um artifício para poder seduzir e persuadir e, em especial, no seu lugar preferido, a fonte, no meio da floresta, espaço de todo conhecido e apreciado por elas.

Melusina quer dizer prodigiosa, que conforme o Dicionário Aurélio Online² significa “*que tem o caráter de prodígio; extraordinário; espantoso; portentoso; estupendo*”. Nome melhor não lhe conviria. Mulher virtuosa era ela, dona de uma sabedoria incomensurável, indiscutível; de um poder sobrenatural, de uma beleza desmedida, incomparável, inigualável; mulher forte, soberana, misteriosa e conhecedora de tudo.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste comunicação temática, foi realizada uma análise bibliográfica da simbologia presente na obra *Melusina: dama dos mil prodígios* (2000), da autora brasileira Ana Maria Machado. A abordagem realizada parte de uma reflexão acerca do comportamento da personagem em sua saga pela busca de sua humanidade, através do imaginário simbólico e arquetípico presentes na obra pesquisada. Deste modo, a pesquisa intitulada *Uma dama e mil prodígios: a simbologia de Melusina no imaginário medieval*, evidenciou o estudo realizado com embasamento no perfil transgressor da personagem estudada, levantando, para isso, características da dama/serpente e da realidade cultural marcada na obra em questão.

A pertinência e a relevância da pesquisa estão presentes em sua categoria temática, por ser de suma importância para podermos compreender o comportamento da personagem analisada, que apesar de ser uma fiadeira do destino e prodigiosa, luta incansavelmente alcançar sua humanidade, findando assim com o encantamento que fora lançado por sua mãe após ela juntamente com suas irmãs terem aprisionado o pai.

Consideramos os procedimentos narrativos, assim, como a instituição do foco narrativo, de maneira especial, na categoria analítica da personagem e, além do mais, no espaço da linguagem, são aspectos bem cuidados pela escritora em sua narrativa. Essas noções agem de forma a tornarem sua narrativa envolvente e sedutora. Em síntese, ela faz uso de procedimentos estilísticos que fazem com que a linguagem torne-se fluída e, ao mesmo tempo, utilizando recursos narrativo-visuais que por sua vez proporcionam um aumento no imaginário coletivo de seus leitores.

² In: site <<https://dicionariodoaurelio.com/prodigiosa>> Acesso em: 30/05/2018.





VII ENLIJE

Analizamos, ainda, que na narrativa de Ana Maria Machado, Melusina não representa o autêntico estereótipo do feminino a todo o momento assume o papel de passividade aos desejos do masculino, sendo sempre dominada pelo homem. Pelo contrário, é ela quem manda e direciona tudo, além do mais, interfere nas decisões de seu esposo, convencendo-o de que se ele sempre ouvi-la permanecerá saindo-se bem nas diversas situações.

4 REFERÊNCIAS

BACHELARD, Gaston. *A serpente*. In: _____. **A terra e os devaneios do repouso: ensaios sobre as imagens da intimidade**. Coleção capítulos. Trad. Paulo Neves. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003. Cap. VII. p. 201-222.

BRUNEL, Pierre (org.). **Dicionário de mitos literários**. Trad. Carlos Sussekinget. al. 4. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2005.

CHEVALIER, Jean; GHEERBRANT, Alain. **Dicionário de símbolos: (mitos, sonhos, costumes, gestos, formas, figuras, cores, números)**. Trad. Vera da Costa e Silva et al. 24. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2009.

CIRLOT, Jean-Eduardo. **Dicionário de símbolos**. São Paulo: Centauro, 2005.

DICIONÁRIO AURÉLIO ONLINE. Disponível em: <<https://dicionariodoaurelio.com>>. Acesso em: 31 maio 2018.

JUNG, Carl Gustav. *Chegando ao inconsciente*. In: _____. **O homem e seus símbolos**. edição especial brasileira. 6. ed. 1993: Editora Nova Fronteira.

_____. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. Trad. Maria Luiza Appy e Dora Marina R. Ferreira da Silva. Petrópolis: Vozes, 2000.

LAPLANTINE, François; TRINDADE, Liana. **O que é Imaginário**. São Paulo: Brasiliense, 1997. – Coleção primeiros passos, n. 30.

MACHADO, Ana Maria. **Melusina dama dos mil prodígios**. São Paulo: Ática, 2000.

